Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v39i147.1002
ESTUDOS BÍBLICOS

Pistas para uma ressignificação do conceito de YHWH em Cântico dos Cânticos

Clues for a resignification of the concept of YHWH in the Song of Songs

Lucas Garcia Neiro*

* Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia de São Paulo da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, Brasil.
lucasneiro@hotmail.com

Recebido em: 06/04/2024
Aprovado em: 25/06/2024

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

Poucos livros na Bíblia tiveram tanta variedade de interpretações como o Cântico dos Cânticos. Sua linguagem poética e repleta de metáforas eróticas traz questionamentos sobre seu lugar no Cânon. A pesquisa atual entende majoritariamente o Cântico através de sua interpretação natural, ou seja, propõe que o livro trata do amor erótico-sexual presente na relação do casal apaixonado. Contudo, o versículo 8,6 mostra a conexão desse erotismo vivido ao longo do livro com Deus ao dizer que o amor são labaredas de Yah. Dessa forma, o Cântico apresenta uma proposta de ressignificação da relação entre o erótico e o sagrado. Essa proposta de ressignificação fica clara ao analisarmos tanto a relação intertextual que o Cântico possui com os escritos sacerdotais da época persa, quanto a progressão do conceito de YHWH desde a monarquia judaíta até a teocracia sacerdotal. Tais análises mostram que o Cântico não apenas ressignifica o amor erótico-sexual, conectando-o a YHWH, mas também nos dão pistas para vermos uma ressignificação do próprio conceito de YHWH, como Deus presente na relação sexual.

Palavras-chave: Cântico dos Cânticos. YHWH e a sexualidade. Labaredas de Yah. Sagrado e erótico. Conceito de YHWH.

Abstract

Few books in the Bible have had as many variety of interpretations as the Song of Songs. Its poetic language filled with erotic metaphors raises questions about its place in the Canon. Current research mostly understands the Song through its natural interpretation, proposing that the book deals with erotic-sexual love present in the relationship of the passionate couple. However, verse 8:6 shows the connection of this eroticism experienced throughout the book with God by saying that love is flames of Yah. Thus, the Song presents a proposal for redefining the relationship between the erotic and the sacred. This proposal for redefinition becomes clear when we analyze both the intertextual relationship that the Song has with the priestly writings of the Persian period, and the progression of the concept of YHWH from the Judean monarchy to the priestly theocracy. Such analyses show that the Song not only redefines erotic-sexual love,

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

connecting it to YHWH, but also give us clues to see a redefinition of the concept of YHWH itself, as God present in sexual relationship.

Keywords: Song of Songs. YHWH and sexuality. Flames of Yah. Sacred and erotic. Concept of YHWH.

1 Introdução

O Cântico dos Cânticos é entendido pela maioria dos autores atuais como uma coletânea de poemas de amor. Apesar de explicitar essa temática, o Cântico não é o primeiro livro a tratar da sexualidade humana sob aspectos teológicos. Textos sacerdotais como Gênesis 2–3 e Levítico 10–15 abordam a relação que Deus tem com a sexualidade humana. Contudo, o Cântico traz uma nova ideia, uma ressignificação dessa relação proposta por outros escritos: uma ressignificação da relação entre o erótico e o sagrado.

O versículo 8,6 – defendido por muitos autores como fazendo parte do epílogo do livro – é o que mais nos dá pistas para entendermos a relação entre o erótico e o sagrado em Cântico dos Cânticos. Em nenhum momento até então o livro apresentou qualquer sentido religioso. Porém, Ct 8,6 afirma que o intenso amor erótico-sexual vivido pelo casal são as *labaredas de Yah*.

Ao mencionar isso, o autor está propondo uma nova forma de entender a relação entre Deus e o sexo – uma ressignificação. Porém, essa ressignificação não acontece somente neste verso ou na perícope na qual ele está inserido, mas está presente em outras partes do livro. Ao longo de suas páginas, o Cântico conversa com outras partes da Bíblia, mostrando uma nova forma de se ver a sexualidade. Porém, é em Ct 8,6 – e de forma mais ampla na perícope Ct 8,5-7 – que essa nova leitura fica explícita. O que se viveu até então nas páginas anteriores do livro não era uma simples fantasia de um casal cego pela paixão e alheio às coisas sagradas, mas tinha tudo a ver com Deus.

Nossa proposta é mostrar que o Cântico não apenas ressignifica a relação entre o erótico e o sagrado, mas também nos dá pistas para uma ressignificação do próprio conceito de quem é YHWH. A convocação da presença de YHWH em Ct 8,6 mostra como a imagem que as pessoas formam de YHWH foi se modificando ao longo do tempo.

Ivone Gebara faz uma interessante afirmação sobre a relação entre o sagrado e o erótico:

> Deus se mistura em nossos suspiros, suspiros dos mais diferentes tipos. É como se esse 'nome' falado no escuro e na luz sustentasse nossos desejos mais íntimos. No fundo, Deus pode ser o 'grito' ou o 'sussurro' no extremamente erótico e o 'grito' e o 'sussurro' no extremamente antierótico, dependendo da situação (GEBARA, 2001, p. 11, tradução própria).

Ou seja, a posição da autora sustenta que a concepção de Deus como um ser erótico ou antierótico é definida dependendo do contexto. Esse é justamente nosso intuito aqui, mostrar como essa concepção evoluiu ao longo da história da religião de Israel e a proposta inovadora apresentada pelo Cântico.

Para nossa análise, faremos um breve ensaio sobre a concepção de YHWH no período da monarquia e sua associação com Asherá, as modificações dessa concepção trazidas pela reforma de Josias e pelo exílio babilônico, a concepção de YHWH na teologia sacerdotal e a novidade trazida pelo Cântico. Nosso foco é apontar uma possível ressignificação de YHWH trazida pelo Cântico. Destarte, não nos

aprofundaremos na perspectiva da evolução do culto javista. Apenas nos apoiaremos em fontes sólidas para nos dar bases comparativas satisfatórias.

2 YHWH e Asherá

A relação de YHWH com Asherá foi completamente revista com as descobertas arqueológicas recentes. José Ademar Kaefer e Luiz José Dietrich (2022, p. 123) apontam um templo de Javé encontrado em Arad, o qual continha duas estelas. Possivelmente, a maior representando Javé e a menor Asherá.

Mais marcante do que o templo em Arad foi a descoberta encontrada no sítio arqueológico de Kuntillet ʻAjrud. Dois potes de cerâmica com a inscrição "o r(ei) diz: diga [...] que você seja abençoado por YHWH da Samaria e sua Asherah" (KAEFER; DIETRICH, 2022, p. 124). Essa descoberta mudou muito a compreensão do culto javista em Israel e Judá.

Thomas Römer (2016, p. 162) afirma que a associação mais provável de YHWH com Asherá foi a concepção tradicional da relação entre homem e mulher, formando um casal divino. O autor ainda afirma que:

> Embora os redatores bíblicos critiquem os reis que teriam favorecido a veneração de Aserá, não há dúvida de que, até o fim do século VII antes de nossa era, esse culto desempenha um papel importante. Aserá era, talvez, associada a Yhweh, no templo de Jerusalém, *via* uma estátua colocada ao lado da sua (2016, p. 166).

Dessa forma, fica evidente que a concepção da divindade no templo de Jerusalém era de um casal. Tanto YHWH quando Asherá possuíam imagens, sendo que YHWH foi entendido como uma divindade do sexo masculino que tinha uma esposa, Asherá, do sexo feminino.

A presença de uma figura feminina na divindade traz consigo um importante papel das mulheres nesse culto, como comenta Römer (2016, p. 167): "A importância das mulheres no culto de Aserá é atestada no relato de 2Rs 23,6-7, segundo o qual as mulheres, no templo de Jerusalém, teciam túnicas para Aserá". Portanto, temos as mulheres presentes no culto dessa época. Asherá era associada a YHWH como sua consorte, mas ela também era venerada independentemente dele, especialmente pelas mulheres.

Um dos aspectos mais marcantes do culto a Asherá é a figura da fertilidade: "Uma figura da deusa encontrada em Revadim apresenta, no alto das coxas, perto do sexo aberto, uma palmeira flanqueada de caprinos. Em cada seio, a deusa aleita uma criança. A imagem da deusa representa a ideia da fertilidade de múltiplas maneiras" (RÖMER, 2016, p. 167). Vemos, então, que ela foi representada com aspectos marcantes da sexualidade feminina, mas sempre se remetendo à fertilidade.

Portanto, concluímos que no período monárquico YHWH foi associado com Asherá, entendida como sua esposa. O culto não era exclusivo a YHWH e a concepção monolátrica não existia. Especialmente as mulheres eram ligadas e participativas do culto a Asherá, sendo que o aspecto mais marcante desse culto era a fertilidade. Toda representação física de Asherá representa fortemente a ligação da figura feminina com a fertilidade. É na reforma de Josias que veremos a primeira guinada no conceito da divindade de Israel.

3 YHWH na reforma de Josias e no exílio

Josias dá início a um novo período na história de Judá. A política iniciada por Ezequias encontra seu ápice no reinado de Josias. O rei foi protagonista de uma ampla reforma, a qual modificou tanto a política quanto a religião de Judá.

Na reforma de Josias, Asherá desaparece do culto oficial de Jerusalém, mostrando sua visão monolátrica. Sobre a reforma religiosa de Josias, Kaefer e Dietrich afirmam:

> Josias centraliza o culto a um único Deus em Jerusalém, proíbe o culto a outras divindades, como Asherá, Baal e divindades astrais, retira as representações das divindades assírias do templo, destrói os santuários do interior, destitui sacerdotes e sacerdotisas e determina que o único lugar para a celebração da Páscoa seja Jerusalém (KAEFER; DIETRICH, 2022, p. 151).

Após a morte de Josias, os babilônicos assumem o controle do Levante e Joaquim se torna vassalo de Nabucodonosor. Em 597 o rei com a elite da corte é deportado para a Babilônia. Os babilônicos destroem o templo, a cidade e as muralhas de Jerusalém em 587. Neste mesmo ano, acontece uma segunda deportação, e, em 582, a terceira deportação, as quais levaram milhares de pessoas para a Babilônia.

Os textos bíblicos são relatados da perspectiva dos que estão exilados, que se consideram o "verdadeiro Israel". YHWH, segundo Ezequiel, teria deixado seu país para acompanhar os exilados na Babilônia.

As deportações e a queda de Jerusalém causaram uma enorme crise de identidade coletiva judaica. A Escola deuteronomista busca explicar o exílio construindo histórias de YHWH e seu povo desde o início sob Moisés até a destruição de Jerusalém. Sua interpretação da história mostra que a queda de Samaria e de Jerusalém é consequência da desobediência do povo a YHWH.

Os textos mais antigos da obra deuteronomista (por exemplo, Dt 28,14) trazem uma monolatria, ou seja, não se nega a existência de outros deuses, mas apenas YHWH deveria ser adorado. Já os textos mais recentes, acrescidos durante a época persa, mostram YHWH como sendo o único Deus (RÖMER, 2016, p. 212). Assim, para os deuteronomistas, YHWH é o único Deus que reina no mundo e que escolheu Israel como seu próprio povo.

Essa ascensão do monoteísmo centralizado em Jerusalém é acompanhada do desaparecimento da figura feminina de Asherá. Com essa ausência, o problema da figura feminina na divindade surge, pois YHWH continua com seus títulos masculinos. É neste contexto que é atrelada à figura de YHWH a ideia do amor de uma mãe por um filho, dentre outras metáforas. Sobre esse assunto, Römer afirma que "O fato do ser humano à imagem de Deus ser masculino e feminino pode refletir a retomada da ideia tradicional do casal divino (Yhwh e Aserá) transposta para o casal humano ou, então, é Deus mesmo que contém em si as funções masculina e feminina" (RÖMER, 2016, p. 217). Ou seja, a identificação da distinção entre homem e mulher no ser humano se reflete na sua concepção de Deus. Antes, a divindade era compreendida nessas duas figuras (YHWH e Asherá), com o "desaparecimento" de Asherá, YHWH recebe as atribuições femininas e as adiciona com as suas masculinas de anteriormente.

Ademais, figuras femininas aplicadas a YHWH aparecem no Dêutero-Isaías, como, por exemplo, uma mãe que se compadece de seu filho (Is 49,15). YHWH aparece tanto como um Deus guerreiro, masculino, quanto como um Deus maternal que concebe seu povo. Em Dt 32, YHWH aparece como o pai que dá a vida e como a mãe que dá à luz Israel. O final de Oseias também mostra essa ideia de YHWH como mãe. Römer (2016,

p. 217) ainda levanta outros exemplos para compensar o desaparecimento de Asherá, como a personificação do conceito de sabedoria, a qual se apresenta como uma deusa em Provérbios, como filha de YHWH. Ainda sobre esse tema, Kaefer e Dietrich afirmam:

> Nos textos bíblicos prevalece a caracterização de Javé posterior às imposições religiosas de Ezequias e Josias, que, ao decretar a monolatria, identificam Javé com El (Dt 10,17) e transferem os atributos das divindades proibidas, como Baal e Asherá, para Javé, que já aparece com as características que originariamente eram de El e de Baal (Dt 11,8-17; 28,1-46) (KAEFER; DIETRICH, 2022, p. 164).

Portanto, temos uma nova concepção de YHWH na reforma de Josias. O Deus de Israel não é mais casado e nem divide seu trono com uma divindade feminina. Ele é um Deus que recebe tanto atribuições masculinas quanto femininas, mas tem a primazia ser o Deus "um" de Israel.

4 YHWH na teologia sacerdotal do segundo templo

No período do segundo templo, boa parte da literatura bíblica foi redigida. Os livros de Crônicas, Esdras e Neemias trazem uma releitura da história de Israel e Judá sob a perspectiva dos sacerdotes sadoquitas. Dentro dessa releitura, destaca-se que "A cidade de Jerusalém, seu templo e, nele, um Deus residente formam os elementos de unidade e identidade ética projetada pela classe sacerdotal, nos dois séculos em que esteve sob o domínio persa" (FRIZZO, 2022, p. 235).

O período persa é considerado uma teocracia dos sacerdotes sadoquitas. Havia o baixo clero, constituído pelos levitas que viviam misturados com o povo das aldeias pobres, e o alto clero, rodeado pela corte das famílias ricas de Jerusalém. Há uma divisão entre a classe rica e a classe pobre. Os camponeses e operários pobres produziam as riquezas que depois se destinavam ao pagamento de impostos aos persas e ao sustento do templo e seus funcionários. Dentre as características da teocracia do segundo templo, podemos destacar: a total separação de todo elemento estrangeiro, legitimando a mediação sacerdotal sobre os "verdadeiros" israelitas; Jerusalém e o templo como centro da vida religiosa; a radicalização do sábado como dia sagrado; a pureza religiosa, que segregou a sociedade em termos de puro ou impuro, controlada pela lei e pelo templo (FRIZZO, 2022, p. 244-245). Ivo Storniolo e Euclides Balancin (1991, p. 11) afirmam que o corpo – em especial o corpo da mulher – foi atingido pela lei da pureza, pois a maternidade, a menstruação e a polução involuntária acarretavam impureza. Os autores também afirmam que "O Templo e os sacerdotes se apoderavam, assim, do corpo do povo, subjugando-o e explorando-o" (STORNIOLO; BALANCIN, 1991, p. 12).

Além dessas características marcantes, a concepção de YHWH também se modifica no período sacerdotal do segundo templo. Kaefer e Dietrich (2022, p. 125-126) afirmam que "o culto a Javé foi absorvendo, no decorrer da história, os atributos de diversas divindades, masculinas e femininas. Ou melhor, as pessoas foram atribuindo a Javé as propriedades de outras divindades, até passar a cultuá-lo, no pós-exílio, como único Deus". De acordo com a afirmação dos autores, concluímos que YHWH não muda, mas o conceito que as pessoas têm e, por consequência, atribuem a ele, muda. Podemos ver a evolução desse conceito na teologia sacerdotal.

Os textos sacerdotais não se interessam pela monarquia, como o deuteronomista. Só se interessam pelas origens até Moisés. As narrativas da criação e do dilúvio mostram que todos os povos veneram, sem saber, o Deus que se manifestará, mais tarde, a Israel sob o nome de YHWH. Aos patriarcas, YHWH se revela como o "El Shaddai", mostrando que ele deve ser conhecido pelos Árabes, descendentes de Ismael, e pelo Edomitas, descendentes de Esaú. Somente a Moisés é que Deus se revelará a Israel sob o nome YHWH. Assim se elaboram, no início da época persa, diferentes discursos que redefinem a veneração de YHWH como deus único, afirmando, ao mesmo tempo, sua relação específica com Israel.

Provavelmente entre os séculos V e IV o Pentateuco foi formado (RÖMER, 2016, p. 231), deixando de lado num primeiro momento os livros que contavam a história da conquista até o exílio. O advento da Torá também foi responsável pela eliminação da imagem de YHWH no templo. Não ter imagem significa também não ter corpo, e, por conseguinte, não valorizar o corpo. Nancy Cardoso afirma que:

> Nesse sentido, a consolidação do monoteísmo representa também a dessacralização da sexualidade e do erotismo. Reduzidos a fenômenos estritamente humanos, o erotismo e a sexualidade não são mais apresentados como alternativa possível à experiência religiosa, sendo muitas vezes reduzidos e catalogados como sinônimos de pecado e idolatria (Oséias, Ezequiel) (CARDOSO, 2001, p. 8, tradução própria).

Ou seja, segundo a autora, o monoteísmo contribuiu para a concepção da figura de YHWH como sendo um Deus assexuado. Adicionado a esse fato, temos a decisão do nome YHWH não ser pronunciado no século IV, mostrando a transcendência de YHWH. Num contexto monoteísta, o nome próprio perde sua necessidade, visto que sua função é distinguir uma divindade da outra (RÖMER, 2016, p. 233-234). Sem corpo e sem nome pronunciável, YHWH deixa gradativamente características que o ligam ao mundo material.

A tradução do Pentateuco para o grego fez de YHWH – traduzido por *kýrios* ou *theós* – um Deus universal. Seu culto se difunde pelo mediterrâneo, com a instalação dos judeus nas sinagogas. Assim, YHWH se torna um Deus que ultrapassa a esfera semítica.

4.1 O culto sacerdotal a YHWH

O culto a YHWH é um assunto bastante amplo e denso. Levantamos aqui apenas um aspecto importante para nossa análise a respeito do seu papel mediador. Walter Brueggemann (2014, p. 839) afirma que o culto funcionava como um mediador entre o povo e a presença de Javé. O conceito de quem é Javé é identificado pelo culto, pois "o que ocorre no culto se vincula ao que acontece na vida" (BRUEGGEMANN, 2014, p. 853). Portanto, entender o culto significa entender a vida e a relação do ser humano com o divino.

Com a concepção pós-exílica de YHWH ser um Deus que habita os céus, o culto e o templo se tornam um meio para se ter contato com ele. Estar longe do culto e do templo significa estar longe de Deus. Estar inapto para o culto significa estar inapto para se ter comunhão com Deus.

Eckart Otto afirma que "o escrito Sacerdotal foi redigido no período do exílio como uma obra literária que vai desde a criação do mundo até a promessa de Deus de desejar habitar no meio de seu povo e, com uma ampliação do início do pós-exílio, até o

cumprimento dessa promessa" (OTTO, 2011, p. 184). Quando entramos nos textos que narram a história de Moisés e a peregrinação no deserto, temos uma nova ênfase dos escritos sacerdotais. O sábado e a circuncisão são colocados antes de Moisés. Portanto, o bloco sacerdotal do Sinai não visa mostrar um surgimento de uma nova comunidade – a qual já fora fundada por Abraão –, mas sim mostrar como esse povo que fora eleito anteriormente deveria viver para Deus.

Na peregrinação do deserto, vemos também a grande importância e a centralidade do Segundo Templo de Judá. Os sacerdotes fizeram questão de mostrar de maneira detalhada que o culto Templar existiu até mesmo nas dificuldades de peregrinação. O modelo portátil do templo, o tabernáculo, é descrito com o mesmo cuidado e grau de detalhes que também foi o templo de Salomão. Todos os homens e mulheres israelitas se engajam com suas posses e trabalhos pessoais para a construção do tabernáculo. Erhard Gerstenberger conclui que "[...] as tradições sacerdotais pretendem claramente ancorar as estruturas comunitárias e a vida cotidiana do período persa na situação normativa do Sinai, bem como orientá-las e ordená-las" (GERSTENBERGER, 2014, p. 193).

Portanto, o tabernáculo/templo é consolidado como a estrutura fundamental mediadora entre Deus e seu povo. Para que essa mediação aconteça, é necessário a presença da figura do sacerdote, como aponta Brueggemann: "É o próprio culto que medeia a Presença. Para isso são necessários sacerdotes. Os sacerdotes são um subconjunto do culto, os necessários legitimadores, realizadores e garantidores da santidade corretamente recebida" (BRUEGGEMANN, 2014, p. 857). Portanto, a presença de YHWH está intimamente ligada com a presença dos sacerdotes. Sem eles, não há culto, e, por conseguinte, não há a presença de Deus.

Essa concepção do culto, mediado pelos sacerdotes, estar intimamente ligado e ser condição indispensável à presença de YHWH será ressignificada no Cântico dos Cânticos.

5 O Cântico dos Cânticos e sua teologia

Cântico dos Cânticos é um livro singular do cânon bíblico. Seu sentido e canonização foram alvos de grandes discussões nos primeiros séculos do cristianismo. As diversas tentativas de sua interpretação alegórica ao longo do tempo mostram a sua difícil aceitação. Conciliar a relação entre sexualidade e o sagrado sempre foi um assunto complexo. Porém, a opinião majoritária atualmente é que o livro trata justamente deste tema: o amor erótico-sexual vivido pelo casal.

Nancy Cardoso afirma que "o sexo pode ser uma porta de entrada importante para sensações místicas ou encontros com o sagrado" (CARDOSO, 1995, p. 96, tradução própria). A relação entre o erótico e o sagrado encontra seu ápice em Ct 8,6, cuja tradução nossa segue: "Coloca-me como o selo sobre teu coração, como o selo sobre teu braço. Porque forte como a morte é o amor, duro como sheol é a paixão. Suas chamas são chamas de fogo, labareda-de-Yah".

Vemos, portanto, que em Ct 8,6 o nome de YHWH aparece de forma abreviada (*Yah'*). Ludger Schwienhost-Shönberger relaciona esse verso com 5,1 para estabelecer o conteúdo teológico do livro, o qual ele relaciona com a teologia da Criação:

> Na metáfora seguinte ('Suas setas são raios de fogo, chamas de *Yah'*) o amor é enaltecido como um poder divino que derrota a morte e o caos. Logo, 8,6 constitui o fundamento da teologia da Criação para o convite de fruir a vida e o amor, de 5,1b. Ambos os versículos também possuem

> correspondência mútuas em nível estrutural. A convocação para usufruir a vida e o amor, no centro do livro, obtém, pela estrutura composicional dele, uma motivação a partir da teologia da Criação (SCHWIENHOST-SHÖNBERGER, 2003, p. 348).

Ou seja, esse fogo do amor erótico-sexual à flor da pele são chamas de Deus ardendo no casal. Baseado na interpretação de Ct 8,6, mesmo não optando pela interpretação alegórica, Schwienhost-Shönberger menciona que ela não deve ser completamente descartada, pois no amor físico entre homem e mulher "reside uma força que transcende a dimensão meramente corporal humana. [...] reside uma força divina" (2003, p. 348). De forma semelhante, temos a opinião de Humberto Eugênio Maiztegui Gonçalves:

> O Cântico dos Cânticos é uma coletânea com características particulares. Não se trata de uma compilação pura e simples. Não é apenas uma coleção de cantos de amor erótico. Trata-se de um complexo processo celebrativo-reflexivo sobre o amor erótico. Este amor era, na mentalidade do Antigo Oriente, humano-divino. Os poemas do Cântico dos Cânticos não autorizam a falar de 'amor humano' como algo absolutamente diferente do 'amor divino'. Também o erotismo, vivo e presente nestes poemas, não autoriza a falar de um 'amor divino' desprovido do erotismo dos corpos (GONÇALVES, 2005, p. 268).

Também semelhantemente, Jean-Louis Ska afirma: "Cantar o amor entre o esposo e a esposa, o bem amado e sua predileta, significa cantar uma força que tem as suas raízes no mistério próprio de Deus. As distinções entre amor divino e amor humano não têm mais muito sentido a tal nível, e esta é a razão da autêntica beleza do Cântico dos Cânticos" (SKA, 2015, p. 161-162).

Diante desta análise, podemos dizer que a teologia do texto está nas entrelinhas da relação dos amantes. Identificamos aqui a intenção do redator final de conectar todo esse forte erotismo presente em todo o livro a YHWH, como afirma Schwienhost-Shönberger (2003, p. 346): "[...] abrindo-se diante da cultura helenista, que em termos físico-eróticos era relativamente liberal, e estimulada pelo bucolismo florescente em Alexandria, o tema do amor sexual-erótico entre homem e mulher é ligado com a tradição da fé judaica em Javé (8,6)".

Essa ligação vem do movimento popular contra a teocracia sacerdotal. Se por um lado o templo impurifica o corpo e a sexualidade e impõe inúmeras regras para os seres humanos se relacionarem em nome de YHWH, por outro, Ct 8,6 afirma que YHWH está presente na forma simples e sincera de amor. Todo esse fogo sexual ardendo no casal durante os oito capítulos iniciais do Cântico, ao final, tem uma explicação: sempre foi o fogo do próprio YHWH.

5.1 YHWH no Cântico dos Cânticos

Milton Schwantes (2008, p. 61) afirma que YHWH não está excluído do Cântico, mas não é central. No centro está o casal, os corpos e a sexualidade. O Cântico é, pois, o encontro e a harmonia da Teologia com a Antropologia. Podemos dizer que a teocracia do segundo templo causou uma ruptura entre esses dois elementos. O corpo e o amor foram impurificados em nome de YHWH. O Cântico restitui a legitimidade do prazer sexual e do protagonismo feminino nessa relação.

Destarte, o Cântico dos Cânticos nos dá pistas para uma nova concepção de YHWH ao trazer à tona as "labaredas de Yah" no final do livro. Diferente das concepções sacerdotal, deuteronomista e anterior à reforma de Josias, o Cântico não trabalha a questão do monoteísmo/politeísmo. De forma diferente, o Cântico apresenta YHWH como Deus único – não há sinal de qualquer outra divindade presente no livro – mas que é ligado à sexualidade.

De maneira geral, identificamos um eixo, um caminho a respeito da concepção de YHWH. Num primeiro momento, ele aparece casado com Asherá, sendo reconhecido como masculino. Na reforma de Josias e no exílio, ele é apresentado como o "Deus um", sem Asherá, mas com os atributos femininos além dos masculinos. Na teologia sacerdotal do pós-exílio, ele aparece como Deus único, assexuado e contrário ao erotismo.

Na ressignificação apresentada pelo Cântico, YHWH não volta a ser considerado do sexo masculino, nem a ter uma consorte. Mas volta a ser um Deus ligado à sexualidade. Portanto, o Cântico não propõe uma volta às origens do casal divino YHWH-Asherá, mas reafirma YHWH como Deus único, sem atribuição de gênero, e que está presente na relação sexual entre o homem e a mulher que ele criou. O Deus apresentado pelo Cântico não precisa ter gênero tampouco ser casado para ter uma relação positiva com o sexo.

Outro ponto importante trazido pelo Cântico é sobre a relação de YHWH com as mulheres no culto. Vimos anteriormente que estas eram muito presentes no culto a Asherá. Com a evolução da concepção de YHWH e, principalmente, com a teologia do segundo templo, as mulheres perderam espaço no culto à divindade. Portanto, de uma participação atuante no culto, elas são excluídas no pós-exílio.

Além desse aspecto no culto, identificamos também a concepção do corpo feminino relacionado à divindade. No culto a Asherá, como símbolo da fertilidade, o corpo feminino é muito presente. Asherá é apresentada com características marcantes do corpo feminino e venerada como tal. Nesse contexto, o corpo feminino, presente no culto, é algo belo por ser ligado fortemente à ideia de fertilidade. Na teologia sacerdotal, YHWH, Deus único, o qual não pode possuir imagens, não tem corpo. Essa característica reflete o desprezo pelo corpo no período do segundo templo. O Escrito Sacerdotal deixa claro que qualquer atributo ligado à sexualidade que não esteja diretamente ligado à reprodução é impureza. Portanto, de um corpo belo e venerado – ainda que seja por conta da fertilidade –, o corpo feminino passa a ser desvalorizado no pós-exílio.

Novamente vemos uma ressignificação no Cântico, com um caminho trilhado sobre a concepção feminina. As mulheres eram presentes no culto a Asherá e foram excluídas no culto Templar. Porém, aparecem no Cântico como protagonistas. O corpo feminino é venerado em Asherá como símbolo da fertilidade e, posteriormente, impurificado pelos sacerdotes. No Cântico, o corpo feminino é exaltado, mas não por sua fertilidade; este tema está ausente no livro. O corpo feminino é exaltado pela sua beleza sexual. YHWH não volta a ter imagem ou corpo, mas, mesmo sem esses aspectos, isso não impede de se perceber a beleza do corpo humano, especialmente o da mulher. Portanto, temos um caminho sobre o corpo feminino: antes da reforma de Josias, representado na divindade (Asherá) e venerado pela sua fertilidade; no pós-exílio, desprezado e impurificado, pois a divindade não tem corpo; no Cântico, a divindade continua sem corpo, mas este é exaltado pela sua beleza erótico-sexual e não pela sua fertilidade.

Ademais, retomando o assunto do culto, como afirmamos acima, o culto sacerdotal – bem como os próprios sacerdotes – se tornaram condição indispensável para o ser humano se conectar com Deus. YHWH é retratado na teologia sacerdotal como o Deus do templo, longe do qual não é possível sua presença. O Cântico, ao apresentar as "*labaredas*

de Yah" em Ct 8,6, mostra que YHWH está presente na relação sexual do casal. Não há culto Templar, tampouco intermediação sacerdotal. Há apenas um casal apaixonado e envolvido nas delícias do amor. Sem intermediações, YHWH está presente ali, como uma labareda, uma chama, a qual não pode ser apagada (Ct 8,6-7).

Numa mesma chama que não se extinguia, Ex 3 relata que YHWH apareceu a Moisés. O texto mostra que a presença de YHWH nessa ocasião foi tão evidente que santificou o lugar, fazendo com que Moisés precisasse tirar as sandálias (Ex 3,5). Não havia templo nem mediadores (sacerdotes), somente a presença de YHWH através de uma chama que não se apagava. De forma semelhante, sem templo e sem mediadores, YHWH se mostra presente na relação sexual do casal através do amor, o qual é como uma chama que não pode ser apagada. Destarte, podemos dizer que essa relação sexual é santificada, e, analogamente, que é necessário "tirar as sandálias" para se viver a santidade das *labaredas de Yah* na relação sexual.

6 Considerações finais

Diante de nossa análise, não pretendemos fechar um novo conceito definitivo de YHWH trazido pelo Cântico, mas apresentamos algumas pistas sobre isso. O Cântico, ao concluir o livro afirmando que todo o amor descrito em suas páginas são *labaredas de Yah*, mostra que Deus se identifica com esta relação afetiva/erótica entre o jovem casal. Ou seja, ao ressignificar a relação entre a mulher e o homem, em especial o corpo de ambos, aponta para uma ressignificação também do conceito de YHWH.

O Cântico não retorna ao conceito antigo de YHWH que se tinha na monarquia pré-reforma de Josias, mas aponta para algo novo. Dessa forma, concluímos que o livro traz a figura de um Deus único, sem gênero e sem corpo – como na teologia sacerdotal –, mas que valoriza o corpo e a relação sexual. O Deus do Cântico, presente na relação sexual igualitária e sem subjugação, valoriza as mulheres e faz delas protagonistas do anúncio de sua presença no sexo.

O fato de a Bíblia conter um livro de poemas de amor é uma pista que nos mostra que não podemos falar *de* Deus e *com* Deus da melhor maneira se negligenciarmos a materialidade do amor humano. O Cântico nos mostra que não é possível se conectar com Deus sem valorizar o corpo humano. Ao contrário, como suas páginas apontam, através do corpo e da sexualidade, o ser humano tem conexão com o divino.

A perspectiva de um Deus impessoal, separado do ser humano e de seus corpos e contrário ao erotismo é oposta ao conceito de YHWH trazido pelo Cântico. De forma antagônica, o livro mostra que o ser humano, homem e mulher, ao se unirem na relação sexual, estão o mais próximo possível de se conectarem com Deus aqui na terra.

Referências

BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento:* testemunho, disputa e defesa. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014.

CARDOSO, Nancy. Sagrados cuerpos. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, n. 38, p. 5-9, 2001. Disponível em: https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/38.pdf. Acesso em 15 jan. 2024.

FRIZZO, Antonio Carlos. A provincia de Yehud. *In:* NAKANOSE, Shigeyuki; DIETRICH, L. J. (org.). *Uma história de Israel*: leitura crítica da Bíblia e arqueologia. São Paulo: Paulus, 2022. p. 217-270.

GEBARA, Ivone. La danza de Eros o el deseo del Ser. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, n. 38, p. 10-13, 2001. Disponível em: https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/38.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Israel no tempo dos persas*: séculos V e IV antes de Cristo. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

RÖMER, Thomas. *A origem de Javé:* o Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus, 2016.

KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. A consolidação dos reinos de Israel Norte e Judá. *In:* NAKANOSE, Shigeyuki; DIETRICH, L. J. (org.). *Uma história de Israel*: leitura crítica da Bíblia e arqueologia. São Paulo: Paulus, 2022. p. 115-216.

KAEFER, José Ademar; DIETRICH, Luiz José. *A formação do povo de Israel:* no diálogo entre a leitura crítica da Bíblia e a arqueologia. *In*: CATENASSI, F. Z.; MARIANNO, L. D. *História de Israel:* arqueologia e Bíblia. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 135-170.

MAIZTEGUI GONÇALVES, Humberto Eugenio. *Amor Plural:* unidade e diversidade nas tradições do Cântico dos Cânticos. 2005. Tese (Doutorado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

OTTO, Eckart. *A Lei de Moisés*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

SCHWANTES, Milton. Sabedoria: textos periféricos? *Estudos de Religião,* São Bernardo do Campo, v. 22, n. 34, 53-69, jan./jun. 2008.

SCHWIENHOST-SHÖNBERGER, Ludger. O Cântico dos Cânticos. *In*: ZENGER, Erich; BRAULIK, Georg; NIEHR, Herbert; STEINS, Georg; ENGEL, Helmut; SCHWIENHOST-SCHÖNBERGER, Ludger; SCHROER, Silvia; MARBÖCK, Johannes; JÜNGLING, Hans-Winfried; MEYER, Ivo; HOSSFELD, Frank-Lothar. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 340-348.

SKA, Jean-Louis. *O Antigo Testamento*: explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele. São Paulo: Paulus, 2015.

STORNIOLO, Ivo; BALANCIN, Euclides M. *Como ler o Cântico dos Cânticos:* o amor é uma faísca de Deus. Série Como Ler a Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1991.

TAMEZ, Elsa. Para una lectura lúdica del Cantar de los Cantares. *Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana*, Quito, n. 38, p. 59-68, 2001. Disponível em: https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/38.pdf. Acesso em: 15 jan. 2024.